

LITERATURA E HISTÓRIA: A PERCEPÇÃO DE SABERES NO ROMANCE TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Marcos Antônio Fernandes dos Santos ¹

RESUMO

Literatura e história são aspectos indissociáveis em muitas narrativas, essa relação tem sido cada vez mais presente e nos evidencia o potencial que a ficção possui de construir novos saberes relativos ao passado de um povo, normalmente revelado através das memórias. Nesse sentido, em muitos casos percebemos nas narrativas, a presença de personagens mais velhos, o que retoma a ideia da ancestralidade e permite que a história permaneça viva, sendo contada (de uma nova forma) às novas gerações. Embora aparentemente as formas de dizer da história e da literatura sejam distintas, ambas representam a experiência e a vida humana. Portanto, o presente artigo objetiva tecer considerações sobre aspectos da história agrária e escravagista do interior do sertão brasileiro, através da leitura do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. Assim, falas e memórias das personagens são elementos essenciais para que através da narrativa, possamos evidenciar tais aspectos referentes ao nosso passado. A metodologia utilizada para a construção do trabalho tem abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos, é bibliográfica. Consiste numa análise teórico-crítica sobre a obra. Entre as questões que a leitura evidenciou, percebeu-se que o romance de Vieira Junior é construído de tal maneira que em nenhum momento do texto o leitor é capaz de identificar ao certo o tempo em que a narrativa acontece. Por sua vez, essa omissão certamente proposital, parece ter relação com a atualidade das discussões que a obra levanta, levando o leitor a refletir sobre questões muito caras ao povo brasileiro e à existência humana. É a ficção bebendo na fonte da história.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. História. Ficção. Memória. *Torto Arado*.

INTRODUÇÃO

O romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, é uma das mais recentes produções da literatura brasileira que vem gerando interesse no público e na crítica, porque aborda de maneira sensível e poética questões muito caras à história do povo brasileiro. Itamar, que é geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos, utiliza-se dos conhecimentos de suas áreas de formação para tecer uma narrativa de ficção permeada pela história do outro, o homem sertanejo do interior baiano.

A vida nesse espaço e dentro do recorte temporal da narrativa (embora o marco temporal não seja citado, mas possa ser compreendido), é representada por meio de detalhes que possibilitam ao leitor amplo conhecimento sobre traços da nossa história, especialmente

¹ Doutorando em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Bolsista CAPES. Contato: marcosantof@professor.uema.br

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes)”.

sobre as marcas e reflexos da escravidão no interior do país, e a situação agrária dos escravos recém libertos. Nesse sentido, assim como a própria história, a literatura também representa e constrói saberes históricos através da ficção.

Os elos entre história e literatura são consistentes e já se verificam a bastante tempo, ao longo de um extenso conjunto de produções. Em muitos casos, essa relação é inseparável e tem tornado estreito os limites entre uma e outra forma contar a experiência e a trajetória humana. Conforme aponta Bella Jozef (2005), “História e ficção partem de um mesmo tronco, são ramos da mesma árvore [...] Ambas são formas de linguagem. Os fatos, na verdade, não falam por si. Só adquirem significado depois de selecionados e interpretados, provocando uma desfamiliarização do cotidiano” (JOZEF, 2005, p. 35).

É José D’Assunção Barros (2010), em seu artigo *HISTÓRIA E LITERATURA – novas relações para os novos tempos*, que também nos chama a atenção para um aspecto importante da relação entre essas duas áreas da produção humana, que podem revelar-se ambíguas, entendendo-se que

a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História: é a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido na temporalidade (BARROS, 2010, p. 2).

A literatura sempre teve íntimas relações com os acontecimentos da humanidade, dessa forma, literatura e história são aspectos indissociáveis, muito embora tenha havido tempos em que a exclusão de determinados tipos sociais tenha sido responsável pelo silenciamento da voz e da memória - fatores relacionados ao percurso histórico-social da humanidade - refletindo nos modos de (re)produção da arte literária. Alguns acontecimentos históricos, como por exemplo a escravidão, foram temas frequentemente relatados na escrita literária em âmbito mundial e especialmente em obras da Literatura Brasileira.

Tais obras assumem, de certa forma, um compromisso para com o tempo em que foram produzidas e com a trajetória de homens e mulheres que foram silenciados ou colocados à margem pela própria sociedade, vítimas do poder exercido por aqueles que dispunham/dispõem de maiores e melhores condições, sejam elas políticas ou econômicas. Assim, as narrativas literárias contam as trajetórias de lutas e as várias adversidades pelas quais esses sujeitos passaram em razão de sua condição, advinda de uma estrutural social fechada e segregacionista. Para Abaurre *et al.* (2016):

A literatura nos ajuda a construir nossa identidade. Nos textos literários, de certo modo, entramos em contato com a nossa história, o que nos dá a chance de compreender melhor nosso tempo, nossa trajetória [...] Como leitores, interagimos com o que lemos. Somos tocados pelas experiências de leituras que, muitas vezes, evocam nossas vivências pessoais e nos ajudam a refletir sobre nossa identidade e também a construí-la (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2016, p. 15).

Se por meio do potencial estético do texto literário somos capazes de experienciá-lo de forma intensa e transformadora, também através dele podemos aprender e construir conhecimentos, tendo em vista que essas produções também podem ser fontes de saberes historicamente construídos. Assim, através da experiência dos narradores e de personagens, somos apresentados a universos construídos através do olhar e da memória que guardam a história, que revelam o passado através da representação de uma determinada realidade ou de aspectos de uma realidade. A representação, nesse sentido, pode ser entendida como “a presentificação de uma ausência, em que representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento” (PESAVENTO, 2008, p. 12).

É por meio da representação, possibilitada pela narrativa literária, que determinadas classes ou tipos sociais expõem suas visões de mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, o que corresponde à perspectiva de sua identidade social. A literatura em si é rica em discursos, os quais, se aliados à história, podem reorganizar ou apresentar novas formas de se conhecer e interpretar os fatos construídos historicamente, a partir de uma memória social. De acordo com a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1998), “a memória social criada a partir do discurso literário se constitui numa representação que se socializa e que tem um conteúdo pragmático e socializador” (PESAVENTO, 1998, p.13).

Nesse sentido, corrobora-se com a ideia de que os discursos presentes no romance *Torto Arado*, sejam aqueles apresentados pelos narradores ou pelas demais personagens, são ricos em saberes históricos, e necessários à formação do cidadão brasileiro, porque despertam para fatos da nossa história que foram importantes e que embora aparentemente, e só aparentemente, tenham ficado no passado, ainda se mostram necessários ao reconhecimento de nossa identidade, à compreensão do legado dos afrodescendentes para a construção do país, à reflexão sobre os movimentos agrários, ao entendimento das diferentes manifestações culturais presentes no Brasil, entre outras questões. Assim, o presente artigo objetiva tecer considerações sobre aspectos da história agrária e escravagista do interior do sertão brasileiro, através da leitura do romance de Itamar Vieira Junior.

METODOLOGIA

O presente artigo parte de uma pesquisa de cunho bibliográfico, e busca contribuir com a expansão dos estudos literários, no tocante ao papel da ficção enquanto espaço de historicidade que pode revelar saberes de naturezas diversas, tais como cultural, social e política, embasando-se na interdisciplinaridade existente entre a Literatura e a História. Assim, faz-se também pensar nas contribuições da história para com a literatura. Para a construção do texto, foram realizadas leituras e fichamentos de leituras de natureza literária, da produção histórica e de teóricos que discorrem sobre Literatura e a História, e História na Literatura, como também de outras teorias da literatura.

Assim, o aparato teórico utilizado está pautado em autores como Antônio Candido, em “O direito à literatura” (2004); Sandra Jatahy Pesavento, em “Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional” (1998); Silvia Hunold Lara, em “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil” (1998), além do próprio romance de Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*, publicado pela primeira vez em 2019. Contribuíram, também, outros autores que discutem temas parecidos ao proposto neste estudo ou pertencentes a esse universo temático, principalmente no tocante ao diálogo interdisciplinar existente entre a literatura e a história.

DISCUSSÕES

“Um romance que retrata - com extrema habilidade narrativa - um Brasil dolorosamente encalhado no próprio passado escravista. Um texto épico e lírico, realista e mágico”.

A narrativa de *Torto Arado* é marcada por uma carga expressiva muito forte, poética e avassaladora, fazendo fluir no leitor o sentimento de empatia com a história e as situações pelas quais as personagens precisaram passar em busca de seus direitos mínimos. O direito à voz é, de alguma forma, o primeiro a ser questionado. Personagens femininas surgem fortes, empoderadas, donas de discursos que evidenciam a necessidade de mudanças na ordem social, especialmente em meio à vida no campo, espaço de exercício de profundas relações de poder, onde o homem do campo, fragilizado, é o dominado.

O enredo do romance pode ser apresentado através da história das irmãs Bibiana e Belonísia, que vivem na fazenda de Água Negra, região da Chapada da Diamantina, na Bahia, com sua família. Seus destinos são marcados por um acidente envolvendo uma faca de sua avó, quando Belonísia tem a língua decepada pelo objeto, e precisa, a partir daí, ainda mais da

irmã como instrumento para que possa se comunicar com o mundo. As irmãs fazem parte de uma comunidade em que todas as famílias que moram ali trabalham a terra para a subsistência. Os proprietários da terra, por outro lado, ficam com a maior parte do que é produzido pelos moradores e nem ao menos vivem na fazenda.

Às famílias de trabalhadores, são destinados apenas pequenos pedaços de terra para que os mesmos possam construir casas, com materiais não duráveis para que não criem vínculos com aquele lugar, bem como para o cultivo de alimentos. Os trabalhadores, por sua vez, são descendentes de pessoas escravizadas que chegaram naquela região há muito tempo. Em Água Negra e arredores, os trabalhadores das fazendas possuem condições de trabalho e sobrevivência análogas à escravidão. Nesse aspecto, o romance nos desperta e faz refletir sobre o fato de que as práticas escravocratas ainda permaneceram em muitas relações de trabalho, mesmo após o “fim” da escravidão.

Portanto, a representação desse momento da nossa história e dos fatos decorrentes dele são primorosamente construídos pela narrativa, que envolvida pelo realismo nos diz sobre nosso próprio passado, de forma que somos capazes de assimilar algo que, de alguma maneira, a própria história ainda não nos tinha despertado. Na orelha do livro publicado pela editora Todavia, o leitor encontra que

um dos grandes trunfos deste romance é a representação - com eloquência e humanidade - dos descendentes de escravizados africanos para os quais a Abolição significou muito pouco, visto que ainda sobrevivem em situação análoga à escravidão. Tudo isso traz ao romance, para além de sua trama que atravessa vozes, gerações e temas (a memória familiar, o trauma, a exploração, o misticismo afro-brasileiros, os laços sociais), um poderoso elemento de insubordinação social que vibra muito tempo depois de terminada a leitura. (TORTO ARADO, 2019, Orelha do livro).

Dessa maneira, através do entrelaçamento com a história, por meio da literatura “tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana” (COUTINHO, 1976, p. 10). Assim, a relevância da obra de Itamar Viera Junior transcende, de alguma forma, o próprio ato da leitura, estende-se para a vida, para a compreensão de nossa própria existência. Antonio Candido (2004), argumenta e chama a atenção para o fato de que a literatura precisa ser entendida como

uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo

ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (CANDIDO, 2004, p. 186).

A literatura, enquanto ficção, é uma poderosa fonte que alimenta o espírito humano e deve fazer parte da vida, sendo um direito fundamental a todo ser humano que deseja alcançar maior grau de compreensão sobre a vida, sobre si mesmo e sobre o outro. A literatura transforma e complementa nossa percepção sobre a realidade, ela também nos possibilita experimentar a história por meio da imaginação, do diálogo entre ficção e realidade. Nesse caso, o elemento que liga história e ficção para a reconstrução do passado é a própria vida social. Assim, “toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias e desejos, explorando e inventando forma de linguagem” (FERREIRA, 2009, p. 67).

A história de *Torto Arado* nos é contada por três narradoras distintas, e cada uma delas narra um capítulo. É através de suas vozes, de suas memórias e das memórias dos seus, que somos apresentados ao passado de nosso próprio povo. A personagem Belonísia, narradora do segundo capítulo do livro, nos conta, por exemplo, sobre a chegada de seu pai ao mundo, revelando-nos o contexto social do pós-escravidão:

Meu pai havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres, mas ainda cativo dos descendentes dos senhores de seus avós. Minha avó, Donana, tinha dado à luz o filho José Alcino em meio a uma plantação de cana na Fazenda Caxangá. Ele nasceu no meio de um charco, porque não haviam permitido que sua mãe deixasse de trabalhar naquele dia. Meu pai veio ao mundo cercado das mulheres que, assim como minha avó, cortavam apressadas a cana sob a vigilância dos capatazes da fazenda. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 164).

A personagem, por meio dos relatos que ouvira da avó e do próprio pai, expõe as difíceis condições a que os trabalhadores eram submetidos, sendo negados aos ex-escravos e a seus descendentes, quaisquer direitos ou comodidades. Coloca, ainda, que mesmo o pai tendo nascido quase trinta anos após a libertação dos escravos, a vida para ele e para os seus não foi fácil, pois o cenário em que viviam era muito semelhante a própria escravidão. Ou seja, a “liberdade” anunciada não trouxe maiores mudanças para seu povo. Sobre o cenário da recém liberdade dos escravos no Brasil, Silvia Hunold Lara (1998), comenta que

Muitas vezes, a liberdade significou a possibilidade de não servir a mais ninguém, e, aqui, a palavra liberdade adquire dimensões econômicas, conectando-se à luta pelo

acesso à terra: durante a escravidão e depois da abolição, muitos ex-escravos lutaram para manter condições de acesso à terra conquistadas durante o cativeiro. (LARA, 1998, p. 28).

Esse cenário apresentado pela historiadora é representado na obra de Vieira Junior, e visível através dos relatos de Santa Rita Pescadeira, uma entidade que é também personagem e narradora do romance. A presença de sua figura em meio à comunidade de Água Negra faz referência à cultura local e à ancestralidade dos povos africanos e seus descendentes. Assim, a personagem se revela como uma importante fonte histórica para a construção da narrativa, pois é repleta de memórias e saberes. Em determinado ponto da narrativa, ela recorda e expõe sobre o passado de seu povo:

Às vezes, um ou outro encontrava seu bambúrrio, comprava sua liberdade, montava seu negócio. Alguns viravam donos de escravos, e davam adeus à servidão e à busca que lacerava suas mãos e suas almas. Mas a maioria só encontrava a quimera e a loucura, o assombro, o desassossego, a dor e a violência. Vergava sob a própria ilusão, derrotado, acororado num amontoado de cascalhos. Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 204).

Por meio do fragmento acima, a narradora relembra o futuro reservado aos ex-escravos, homens e mulheres jogados à própria sorte, às margens da sociedade. Livres das correntes, mas ainda acorrentados ao passado de violências e miséria, sem condições mínimas de sobrevivência, e que foram destinados à loucura, à dor, e à desilusão. Restava a seu povo apenas seguir em busca de sobreviver, procurar trabalho e moradia, mesmo que em condições desumanas. Assim, muitos precisaram aceitar as precárias condições impostas pelos senhores, para que pudessem ter um teto e comida para si e sua família. Tal situação é explicitada, ainda, na seguinte passagem que expressa a voz do dono das terras de Água Negra:

“Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que comem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. Podem ir embora quando quiserem, mas pensem bem, está difícil morada em outro canto.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 204-205).

Aspectos da história agrária e escravagista do interior do sertão brasileiro são ilustrados. A terra não era um direito assegurado aos trabalhadores, nem como meio de sustento, muito menos como garantia de moradia, de residência fixa. Os trabalhadores moravam na terra alheia, sem nenhum registro que lhes provasse quaisquer poderes sobre as mesmas. A eles era esclarecido que poderiam ter um teto, caso pagassem por ele com o trabalho rural, e, ainda assim, não poderiam construir moradias com materiais duradouros como telhas ou tijolos, pois isso sugeria a ideia de uma permanência sólida dos moradores naquele lugar. Esses são, portanto, aspectos sociais que marcaram as relações de trabalho pós escravidão, e que, de alguma forma, abrem discussões para situações semelhantes que ainda hoje perduram.

Desse modo, o diálogo estabelecido entre literatura e história, por meio do romance, torna explícito os modos de organização das narrativas, tanto as de natureza literária, quanto histórica, que, afinal, compartilham aspectos em comum. Assim, podemos verificar que “tanto a narração literária quanto a historiográfica pressupõe um processo e estratégias de organização da realidade, uma procura de uma coerência imaginada baseada na descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre os dados fornecidos pelo passado” (LEMARIE, 2000, p. 9-10 *apud* SANTOS, 2007, p. 6).

Corroborando com essa perspectiva, e dialogando com o que vem sendo exposto ao longo dessa discussão, os estudos literários e historiográficos se aproximam principalmente pelas relações que estabelecem com a vida, e pela organização da realidade em torno de discursos que representam a existência humana. Ambas as áreas da produção humana construíram conhecimentos que se organizaram ao longo dos tempos e sociedades, e que foram transmitidos de geração a geração por meio da memória e do registro textual. Esse diálogo entre literatura e história é, portanto, rico e inesgotável, sendo a obra de Itamar Vieira Junior, um exemplo vivo de produção de saberes decorrentes dessa relação interdisciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, é uma narrativa ampla, densa, que se abre a muitas questões, expondo-as de forma bastante sensível, poética. Entre essas questões, pode-se mencionar a relação do homem com a terra, o passado escravagista mal resolvido, a história e a cultura afro-brasileira, a ancestralidade, entre outras que são determinantes para o reconhecimento de nossas identidades e do passado. Entre as questões que a leitura da obra

evidenciou, percebeu-se que a narrativa é construída de tal maneira que em nenhum momento do texto o leitor é capaz de identificar ao certo o tempo em que a narrativa acontece. Por sua vez, essa omissão certamente proposital, parece ter relação com a atualidade das discussões que a obra levanta, levando o leitor a refletir sobre questões muito caras ao povo brasileiro e à existência humana. É a ficção bebendo na fonte da história.

ABSTRACT

Literature and history are inseparable aspects in many narratives, this relationship has been increasingly present and evidences the potential that fiction has to build new knowledge related to the past of a people, usually revealed through memories. In this sense, in many cases we perceive in the narratives, the presence of older characters, which takes up the idea of ancestry and allows the story to remain alive, being told (in a new way) to the new generations. Although apparently the ways of saying history and literature are distinct, both represent experience and human life. Therefore, this article aims to make considerations about aspects of agrarian and slave history of the interior of the Brazilian, through the reading of the romance *Torto Arado*, by Itamar Vieira Junior. Thus, the characters' speeches and memories are essential elements so that through the narrative, we can highlight these aspects related to our past. The methodology used for the construction of the work has a qualitative approach and, as for the procedures, it is bibliographic. It consists of a theoretical-critical analysis of the work. Among the questions that the reading showed, it was noticed that Vieira Junior's novel is constructed in such a way that at no point in the text is the reader able to identify for sure the time in which the narrative takes place. In turn, this certainly purposeful omission seems to be related to the actuality of the discussions that the work raises, leading the reader to reflect on issues very dear to the Brazilian people and to human existence. It's fiction drinking at the source of the story.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature. History. Fiction. Memory. *Torto Arado*.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela.
Português: contexto, interlocução e sentido. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BARROS, José D'Assunção. HISTÓRIA E LITERATURA – novas relações para os novos tempos. **Contemporâneos** - Revista de Artes e Humanidades, Santo André, n. 6, p. 1-27, mai./out. 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKI, Carla, DE LUCA, Tania Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

JOSEF, Bella. **História da literatura hispano-americana**. 4. ed., ver. e ampl. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

LARA, Silvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. **Projeto História**, São Paulo. v. 16, p. 25-38, jan./jun. 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: UNICAMP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p. 11-18.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e Literatura: uma relação possível. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v.2, p. 117-126, jan./dez. 2007.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.